



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira



Biblioteca Central Irmão José Otão
César Augusto Mazzillo – Diretor



Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

Autoria José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo
Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação Michelângelo M. M. Viana
João Vitor Hanna de Souza

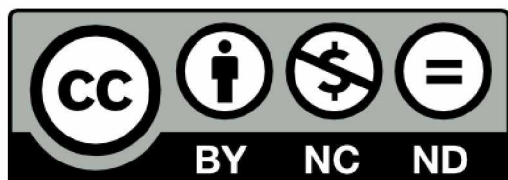
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1e Qorpo Santo

Ensaiopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro quarto / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.
102 p.
Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS



Título da Obra: Ensaiopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 4

Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

Está licenciada sob a licença [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/):

Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548
Email: biblioteca.central@pucrs.br
www.pucrs.br/biblioteca

LANTEIRNA DE FOGO.

COMÉDIA EM 3 ACTOS E DOIS QUADROS.

Acto primeiro

SCENA PRIMEIRA.

Robespier (muito afflicto): Ando ha mais de 3 dias em busca de huma couza que tanto me agrada, que tanto me flagela. e o que ha de ser? um presente que me fez meu Pai quinze dias antes de morrer. e que objecto, couza, ou pessoa me deu ele. Huma lanterna a que chamava de fogo; mas que eu nunca vi lancar, obamas; fumos; e illuminar.

E que falta me faz tão insignificante objecto, sem que entretanto eu dele me haja servido? parece incrível: sinto a cabeça escandecida, o estomago apertado, certa dor de ilhargas, e até... não direi o mais! entretanto é preciso procural-a com paciencia, e perseverança até que ella appareça!

Zeferino (entrando): Cruzes! que diabo tens tu, que sempre estás a sismar? ora, pensas que o diabo te ha de vir importunar á meia noite! ora sonhas que vês; que ouves; que falas com defuntos! ora com Ministerios, Bispos, papados; e não sei que mais! finalmente! finalmente, é hum nuuca acabar de sonhar. Não parece que és hum homem; mas sim hum sonho.

Louvado seja Deos. é esta a quadragezima visita que te faço; e sempre te encontro a sonhar.

Robespier: E você é hum imprudente. vê-me aqui com os mais importantes trabalhos de espirito, e ainda me vem interromper com as suas inauditas observações. deixe-me seu diabo côxo! vá s'embora; vá para o inferno juntar-se aos seus companheiros! vá! vá! (empurrando-o).

Zeferino: Ah! não quer a minha visita! pois hade ter da quia pouco a do meu Pai, o demonio mais velho; impertinente; e feróz que habita os infernos! (sahe).

(Entra hum velho de figura a mais esquizita que se pode imaginar).

Este: Ora viva! viva! como stá? como vai. como estão os seus filhinhos; a sua mulher; os seus netinhos? em? em? (encosta-se a Robespier, e quazi cahe) ai! triste de quem é velho; acontece sempre assim... quando vê alguma môça bonita que o esperte, anda cahindo aos pedaços! ora para aqui; ora para ali!... (assim ficou cahido, como hum bêbado, por alguns minutos).

Robespier: Estará louco! bêbado! que terá? (quer levantá-lo; e não pode; da-lhe com hum pé.) Está morto!

E esta eu com o demonio mais velho morto em caza; e sem me poder dele vêr livre! que fazer!?

E inda isto, não é couza alguma; se me quizeram criminal, julgando que eu o matei; isso é que seria peor!

Emfim: procurarei safar-me desta pessa e das suas consequencias! estudarei; pensarei; meditarei; procederêi... e bom resultado terei! (passeia).

SCENA SEGUNDA.

(Ouve-se huma grande trovoadá).

Robespier: Não querem os homens crêr nesta verdade etérna. e é... Que Deos creou o homem livre para ser feliz. e a sua imagem para ser orgulhoz. ou alívio!

Assim é que por essa caza, tantos males se lamentão sobre a Terra! hontem, fomos praticos hum furto; hum roubo; hum assassinato phizico ou moral, por cauza de huma cobiça, por inveja das Mercês que Deos fez a uns, ou aqúelle nosso semelhante. ante-hontem observamos o levantamento de exercitos, pelas autoridades... para combater e debelar aquelles que praticarão as maiores atrocidades para com os seus semelhantes. por idênticos factos vemos por toda a parte... desgraças de todos os gillates! hoje este Deos punindo os autores de quaes actos; lembrando-lhes que existe; ou vel sobre os seus entes; destruindo, aterrando os mais — com as tempestades, com os raios com os torrescos; e com as trovões!

Não tem bastado para corrigil-os as pestes; as enfermidades; a fome; a sede; e tantos outros males, para que se emendem ou corrigão de seus erros. não basta o fogo do ferro — por eles mesmo inventados para destruir-se uns aos outros; e assim ficar vingada a justiça divina cu Deos.

E' ainda preciso que Este do alto de sua Magestade — envie ao homem o fogo celeste para completamente humilha-lo, ou aniquilal-o, confundil-o, ou destrui-lo.

Céos! Quando terão os vossos entes o necessario juizo. a conveniente rectidão em suas ações! quando cumprirão fielmente seus deveres para com vosco, e para com seus semelhantes!

SCENA TERCEIRA.

Simplicio (entrando): Que diabo de zangas

estou eu sempre a ter!... hoje fui ao mercado fazer as compras do necessario para o dia; o que havia de achar para comprar! galinhas mortas, frangos vivos, gatos e ratos. (atira com todas estas couzas sobre o assoalho, as quaes trazia dentro em hum saeo que vinha ás costas; saltão ratos; gatos; galinhas e frangos, por todo o scenario).

Robespier: Oh! o meu criado Simplicio hoje brilhou! traz aves, e caças para mais de oito dias! o melhor é porem que estes pequenos animaesinhos e avezinhas tem pernas! correm com tal rapidez que parecem estrelas no ar ou no Céo!

Zeferino (entrando): Então já estamos aliviados, Sr. de Robespier? Tem a caza cheia — de gatos, macacos, e sapos! agora deve estar muito baptisfeito! não é assim! pois estimo muito! fique sabendo que eu não sou mais seu amigo! que estou de fêl e vinagre, sal e pimenta, azeite, e óleo de mamono para com o Sr., por que me consta haver falado mal de minha velha, em presença de certa dama a quem o Sr. costuma cortejar com muita attenção!

Robespier: Não sei o que me parece! o melhor, em vez de fazeres essas caretas todas para com raigo; e de que eu tão pouco gosto; é que estivesse — de doces e de vinhos os mais finos! pois apreço não couzas por mim preferidas a todas as outras!

Zeferino: Já sei, já sei, o Sr. sempre assim! mas o que é verdade é que eu não o poderia sustentar a couzas boas!

Simplicio: Encontrei-me hoje com hum diabo de hum estúpido; de hum cavalo; o mais ordinario que se podia imaginar! Muito dezejei-o enforcado! Não quer se não passar a chá da India! Inda se fosse a chá de São Paulo! para ficar paulista, bem! Mas não! Quer da India para ficar indio!

Hei de inforçal-o com a corda mais grossa que encontrar no inferno!

Robespier: Tu não sabes que nem todos podem ter o estomago de cavalo que tu tens; ou o boi aqui de meu amigo Zeferino!

Diabo! toma juizo! ao contrario, nunca chegarás ao Paraizo!

Simplicio: Ah! o Sr. ainda me fala em Paraizo! ha de ir para o inferno, tão direito como se fôra hum ratinho!

Zeferino: Este Simplicio toda a sua vida é propheta!

Ordinariamente, e por felicidade nossa, — nunca suas profecias se realisão! Com tudo, eu nunca gostei de ouvil-as! sempre me cauza certa impressão! certa dôr de coração! certo amor e devoção, que realmente — fico tonto!

O que vale porem, é que na opinião de muitos — os productores, os faladores, os escriptores não passam de vazilhas que se enchem de tudo

o que se quer; e despejam-se quando apraz!

Outros porem haqenos põe em dúbida, dizendo que taes entes são inspirados; huns pelo Espirito Santo; outros, por Jezus Christo; e outros pelo proprio Deos ou Pai Eterno!

Seja como fôr; sempre devemos ter: Dos que sofrem, — dôr! aos que gozão, — amor!

Robespier: Estou hoje com o diabo nas tripas! e a sofrer na alma! estou capás de matar a quanto demonio diante de mim encontrar! Mas como não estou disposto para isso, vou fumar hum charuto; que ordinariamente me recorda os factos sensuraveis, e m'os faz censurar!

Não ha maior maldade; malignidade; atrevimento; audacia; perversidade; e indignidade, do que querer um ente compellir a outro a praticar este ou aquele acto, que sabe que não deve, ou que não pode praticar-o! já porque ofende e prejudica aos outros homens; já porque ofende e prejudica a si proprio! e se fôra só a ofensa, pouco era, mas a perda que ordinariamente trazem taes actos, — é que ainda é mais digna de lamentação; e por cauza desta — seus autores de maior punição!

E' preciso não ter character, nem brio, nem dignidade; dizem eles — para se fazer fortuna! e eu digo: E' preciso não ter character, nem brio, nem dignidade, — para se procurar fortuna por modos, ou maneiras, ou actos, que nos rebaixam á vil condição de animaes ferózes; ou desprezíveis!

(Toma hum fósforo, e acende o charuto, que até então tinha sem fogo nos dedos. Tira humma funaça; e diz:)

Ha horas de afflicção,
Em que me dás consolação!

Outras me dás de descanço,
Em que quasi lanço!

Algumas de tal prazer;
Em que me é difficil conter!

Em muitas de tão afflito,
Por certas Deuzas eu grito!

E a verdade é:
Que não tenho descanço/
Se como, quero!
Se não como, desespero!

Se bebo, desejo;
Se não bebo almejo!

Se saio, apelejo/
Se não saio, careço!

Não ha trabalho,
Ou occupação,

Que tranquilise,
O meu coração!
Não ha entreter,
Nem distrahir.
Que possa convir,
Ao espirito meu!
Só a mulher,
Amavel, formosa,
Me pode trazer,
Tranquilo viver!

Ail quem me acode!
Isto está que não pode!

Ail ail....
Que aqui cabe!...

(A cada dois versinhos chupa, e tira uma fumaça.)

Só a mulher,
Bela, amorosa;
Me pode dar,
Tranquilo gozar!

Tudo o mais é entreter,
Neste mundo a que vim ter,
Entreter p'ra não morrer!
Ou inda que pouco viver!

(Depois que canta, senta-se em huma cadeira.)
Zeferino: A tudo isto, Sr. Robespier, fiquei sabendo que eu nada entendo!

Simplicio: Pois entendo eu, meu doutor, e muito bem: que o Sr. Robespier (Note-se que este Simplicio é hum esquisito amarinheirado)... não pode deixar aquella cousa de que todos gostam! (rindo-se)

E quando mais chegam á impostura chamada — Religião, mais apaixonados são do tal melão, e ás vezes ainda verde — eles o vão chupando!

Robespier: Es e Simplicio é o homem mais inteligente que eu tenho conhecido! de tudo ele entende a tudo responde; comprehende! mas não sabe agora o ponto a que vou atirar, não sabe sobre que vou discorrer! fique sabendo que tend o estado depois dos meus canticos poeticos, sentado naquelle cadeira, meditando — occorreu-me o seguinte pensamento e lembrança do seguinte facto, acontecido em huma das mais notaveis cidades da America.

Hum homem assaz notavel, por sua illustração, erudição, virtudes, sabere prudencia; sofreu hum ataque em sua pessoa e seus bens; queixou-se ao chefe de policia, este não fez caso lembrou-lhe que ao passar esse principio, nem ele, nem autoridade alguma, excepto o monarcha, estariam livres deir parar á cadeia!

Palavras proferidas por hum propheta, ouvidas por deos, e p' stas em pratica pelos homens!

Não se passará oito dias sem que corresse o ponto em t da a cidade de que o chefe de policia preso; não para a cadeia, mas para a charidade, e isto pelo simples facto de se ir dizer ao Presidente da provincia, na que ele tentava com a vida ou propriedade de alguem, não por se lhe levantarem calumnias ou dizerem verdades desta ordem; mas porque alguem havia convencido o Presidente da provincia de que elle havia eno quecido!

Entretanto que, quando ele gritava que estava em seu perfeito juizo, os soldados que o conduziam, diziam: Não! o Sr. não atendeu quando aquelle martir se queixou das violencias feitas á sua pessoa e liberdade, olhava com indiferença para ele quando elle lhe pedia a entrega dos roubos que conservava em seu poder; e tudo isto por calumnias, por falsos que lhe levantarão e que o Sr. não ignorava; portanto vá tambem hoje dormir na charidade; quer sejam justas, quer sejam frivolas as razões ou causas que a ella o conduzem! alem disso — cumprimos ordem superior!

Aprenderá assim a ser autoridade!
— A respeitar tanto o alheio, quanto quer os outros homens respeitem o que é seu!
Falo ou aludo aos direitos consagrados Na reza ao homem, como hum ente, e hum ente racional, e moral! e os de sua especie! como cidadão a, e as leis civis e criminaes, e principalmente as com que se organizão os Estados, lhes conferem assim como lhes prescrevem deveres!

Assim é que: Se as simples ofensas a hum individuo, quando por infinidade de razões, ou injustas causas, trazem numerozas males, — aquelles que praticão consideradas de suma gravidade! e por requintadas maldades — quantos milhares devem trazer, e deve-se esperar que tragão tem trazido! e trazem sempre!

(Com transporte) Assassinos! malvados! pérfidos! infames! traidores!

E ainda a terra se não abre para tragal-os!

Zeferino: Dizem por ahi que tu estás na Igreja, e que por isso tanto soffres!

Esta Igreja, se eu podésse (com raiva) todas as vezes que assim procede, a teria assolado!

Quantos e quão grandes males flagelão a Humanidade pelo procedimento indigno de meia duzia de especuladores que nada poupão para conseguir seus fins!

Quanto custa a firmar huma politica de retidão imparcialidade!... pela qual se veja em todos os actos de autoridade o cunho da moralidade!

E' couza quasi tão difficil, como a decida de hum Santo dos Céos! e em prezença de todos habitar a Terra!

Robespier: E porque não te mudas? não vais para outra Terra — se aqui não te dá

bem.!

Zefirino: Porque fiz tenção — sobre a destruição, plantação, e edificação!

Já que o Povo é tão estúpido, que não destrói-meia dúzia de indivíduos que tem feito, e continuam a fazer a desgraça de milhares, de milhões de seus semelhantes.!

Simplicio: Sabem, ou querem saber de alguma verdade? não sabem; mas eu lhes digo: — vou-me embora. Adeos. Adeos. saúde; paz; gordura pelo úbre; e sarna para coçar nas horas vagas.!

Não se lembrará assim do velho engraçado, nem de moças bonitas.!

Nem mesmo (sahindo) do velho Simplicio. (Sae)

(Termina assim o 1.º acto).

Acto segundo.

SCENA PRIMEIRA.

Jezuina (mulher viúva e com filhos): Tenho procurado o meu namorado todo affectado, que sempre diz que me quer ver, mas que foje de me ter junto a si, e passou por aqui, hoje — quatro vezes. Talvez não demore. vamos entretanto apreciando estes livros, estas estampas, quadros que vejo por cima destas mezas; mas couza d'interessante neles devo encontrar e que me distraia ao menos por alguns minutos ou segundos.!

Ab! (abrindo hum livro.) Eis aqui hum estampa que pôde servir de modelo para fazer um bone, e oferecer ao mesmo Sr., em significação da alta consideração que me merece sua pessoa, character, e mais qualidades que o distinguem; não direi — dos brutos, porque é homem; mas das mulheres, e de entes de sua especie. Está. está muito bonito.!

Robespier (entrando): Viva. viva, a Sr. D. Jezuina por aqui. que santo a trouxe cá? então não me diz.?

Jezuina: Não foi santo, Sr. Robespier! foi o profundo amor; a grande sympathia; e a extraordinaria amizade, que a V. S.º consagro; e que já me fazem considerar, como hum especie de obrigação — o vir fazer-lhe devoção.!

Robespier: Já sei; já sei: A Sr.º pertence ao sexo feminino, não pode deixar de ser devota! mas que seja eu o seu santo, é que eu duvido tanto, que quasi não acredito. entretanto, devo crer, que a Sr.º me faz ver que não a devo esquecer, nem mesmo deixar de a esquecer. Não é assim?

Jezuina: Sim Sr.º sim Sr.º Mas com palavras. com discursos. ... O Sr.º sabe; e muito bem qual o calor de que gosto.!

Robespier: E a Sr.º sabe quanto a amo; quan-

to a estimo; quanto aprecio a sua companhia; quanto me encantão suas maneiras, e quanto me alogão suas alegrias.!

Jezuina: Agradecida, Sr. Robespier. muito agradecida.!

Reconheço tudo isso, mas por suas palavras, jamais pelas provas.!

Robespier: Quizera contar-lhe os sonhos que tive a noite passada, mas não me posso deles entretanto lembrar.!

São sonhos de faltar,
Tenho entretanto, Sr.º Jezuina;
Esta cabeça a tinir!
E para que me não esqueça,
De tudo lhe referir,
Venha contar hum historial

SCENA SEGUNDA.

Gonsala (tambem namorada de Robespier): Oh! Sr.º D. Jezuina. a Sr.º aqui por esta caza/ e de visita ao Sr. Robespier...

Teremos ambas direito ao mesmo amigo? A Sr.º deve saber que a muito tempo tenho cazamente tratado com este Sr., e que por isso mesmo a ninguem cedo os meus direitos de pretendente, e amante!

Robespier (retira-se para hum lado, enquanto ellas conversão).

Gonsala: Eu poderia dizer alguma couza, mas prefiro calar-me!

Robespier (levantando-se de repente com uma mão na testa): Mulheres! (como alucinado) que fazeis aqui? que tendes? que quereis nesta caza? quem á ella vos encaminhou? — Tenho esta cabeça em chamas! e ao ver-vos, sinto mais forte o intenso fogo que nela lavra! fugi! fugi de minha presença! ide. ide aos infernos se fôr necessario, buscar o preciso amparo que em mim buscaes.!

Atroadoras. Destruidoras da Humanidade. não me flageleis mais.!

Ainda esta noite tive hum sonho. e que sonho! que havia sido devorado por estas furias que diante de mim vejo. barbaras. assassinas. fugi. fugi de minha presença.!

Trahido quinze vezes pela mulher. protesto afastar-me dela sempre. — sinto hum fogo devorador que a ellas me empurra.!

Se atendo; se as busco: eis que hum frio de gelo se apossa de todos os meus membros. Céos. céos. porque tantas vezes transtornais os meus projectos.!

Elas (batendo as mãos, e olhando hum para a outra): Estamos bem servidas. com este já nada fazemos.!

Gonsala (aproximando-se): Quem sabe se quer hum caldinho, ou hum chá.!? ou algum

mingauzinho. l ?

Robespier : Fugi. l fugi da minha presença, mulher. l

Gonsala : Pois bem; eu retiro-me. l (vão sabindo, e convida a companheira).

Jezuina : Eu não tenho vontade de me retirar, sem vel-o tranquilo, e feliz. l mas ele está tão brabo. l tão zangado que realmente parece que a nossa retirada assás o pode favorecer. l

Iremos. l (Enfião os braços e querem sair).

Robespier : Sempre considere a mulher, como hum ente que nos deve merecer alguma consideração. l já porque delas provem... (com transporte) Mas que. l cada huma é huma féra. se aquela me insulta, esta me dilacera. l fugi. fugi de minha presença, furias l eu as destruo. (corre para elas, elas sahem dizendo).

Iremos orar por vós, e por vossa fuctura existência. l (Sahem).

SCENA TERCEIRA.

Robespier (pensativo e passeando): Quanto hei eu estudado—medicina e direito. l quanto hei meditado sobre tantas outras sciencias. l quanto hei lido os livros sagrados. l e quantos factos estraordinarios se tem dado em minha tão curta existencia quanto á idade — quão longa quanto aos varios trabalhos, e os numerosos factos que nela se hão dado. l

E' tão grande o numero; sua importancia tal, que não é facil encontrar-se na Historia, já não digo deste ou daquele Paiz; mas na do Mundo inteiro — hum homem, cuja vida se assimelhe. l

Deos sabe o que faz. l e quantas vezes predestina os homens, e até as mulheres. l?

De que heroicidades não é capaz muitas vezes hum criança. l Altos Juizos do Eterno. l

(Entrão duas mulheres cobertas as faces com veos pretos):

Huma delas: Senhor. l Senhor. l (cahem de joelhos diante de Robespier) Por quem é, nos acuda. l nos proteja. l nos ampare. l somos duas desgraçadas que arrependidas de nossas culpas, vos viemos implorar perdão. l queremos a vossa compaixão, Sr. l a vossa protecção. l queremos servir-vos como as mais humildes escravas. l

Robespier (com certo ar de indiferença; pa ra hum lado):

Tenho estado melhor! tenho estado peor! mais forte; e mais fraco! mais triste, e mais alegre!

Penso que ainda existe humã mão no céu que a tempos para mim estendeu-se! essa mão deve ser de Deos! ou pelo menos — de algum grande Santo! receberei, quando necessario, o amparo celeste; e ampararei com ele estes entes terrestres!

(Para as mulheres): Mulheres levantai-vos! e dizei que quereis de mim!

Elas (com muita humildade): Senhor! quero-

mos o vosso auxilio, o vosso amparo, a vossa protecção! acudi-nos! se não morremos de fome! da sede e de dôr!

Robespier : Sim sou a isso obrigado! pela religião! e pelas leis da humanidade! e até mesmo pela lembrança de que nossos saugues em partes pe confundem!

Levantai-vos pois; e sentai-vos!

SCENA QUARTA.

Hum cavaleiro de espada em punho (entrando): Consta-me ter entrado nesta caza o meu mui prezado Amigo o Dr.... venho em busca de- le! E' o Sr.— chefe da mesma?

Robespier : Sim, Sr! hum grande escriptor público, e particular! formado em quinze artes e quat orze sciencias! em dezenove industrias, e 38 maneiras varias de agenciar a vida; ou evitar a morte! Querias pois alguma couza !?

O cavaleiro! Tenho a mais subida honra em cumprimentar a V. Ex. e muito mais ainda teri em cultivar as suas apreciaveis relações de amizade!

Robespier : Agradeço-vos, Sr., e muito, os juizos importantes e honrozos que de mim fazeis! mas que lucrareis vós com a amizade de hum l mem, cu a vida são montões de contradicções!

Cavaleiro : E' por que V. Ex. tem tido muitas mulheres! hade saber que cada humã las — é humã maxima, hum pensamento, hum dis curso, que muitas vezes a outro se opõe! e por isso encontra todas essas contradicções: se por em tivesse por companheira humã só estrela — certamente não encontraria contradicção alguma! se não, diga-me: durante o tempo que tem vivido com humã só mulher, — lutou com contradicções?

Não! pois então conheça a razão. l e ou seja fradado! ou seja cazado, se não quer continuar a se ver contrariar!

Robespier : Fique certo que não ignoro o que me acaba de ponderar! Mas o diabo tem sido — que infinitas mulheres tenho querido; e de nenhuma humã hei conseguido!

Agora, diga-me : O que heide fazer!? deixar-me morrer!?

Para frade... não tenho vontade! para Escrip tor,... fiz-me Doutor! Finalmente, trabalharei, e jamais findarei. l visto que Deos não se acaba; e que a minha vida pode ser eterna como a De- le!

O que é verdade, Sr. Cavaleiro. l é que vivemos em hum Mundo de ladrões. l Se estes roubão dinheiro; aqueles roubão mulheres. l se aqueles roubão mulheres; estes roubão comidas; se estes roubão comidas; outros roubão vestidos. l se estes roubão vestidos; est' outros roubão lanternas. l visto que ando ha mais de trez annos em procura de humã de fogo, que meu Pai deixou-me pouco antes de morrer; e que até hoje me não foi possi-

vle encontrar.l

Cavaleiro: Pelo que vejo, não se acha aqui a mulher que eu procurava.l

Robespier: Não.l não.l Estas que aqui vêdes são minhas.l ambas me pertencem.l huma, por que é minha amiga.l outra por que é minha mulher.l

Cavaleiro: Pois Sr., em vistado que me assevera, retiro-me; pedindo-lhe a maior desculpa de haver penetrado sem prévia licença de V. Ex. neste santuário da innocencia, honradez, e da honestidade.l (Embainhando a espada e sahindo; á parte): — Sempre é homem, que tem duas mulheres.l

SCENA QUINTA.

Robespier (para as mulheres, depois de haver acompanhado o Cavaleiro até a porta): Que vos parece, amigas.l

Apenas ganhei-vos, vinha este sujeitinho talvez... quem sabe de onde; com tenção de tirar-vos!

Nada.l o que aqui entrar, hade se assustar.l e talvez que baste o cheiro das armas para aqui não chegar.l

Farei desta sala uma praça d'armas!

(Entra em hum quarto e dele traz: espadas, pistolas, clavinhas, lanças, & pendura humas, encosta outras, e assim preparado com cartuxos, e o mais que é necessario em cima das mezas, voltando-se para as mulheres: Tu dormirás á minha esquerda! e tu á minha direita!

E se alguém tentar roubar alguma de voz—eis com que (andando em volta e apontando para as armas, quasi como hum pião) —farei saber os meus direitos! (Fala e pioneia até cahir o panno, que desde que começa deve ir descendo levemente.l)

Fim do acto 2.º

Acto terceiro

(Robespier, e os demais actores deste drama.)

Robespier: Ha dois annos que os maiores flagelos pezáo sobre a humanidade, como outr'ora pezarão as pestes sobre aqueles que perseguirão, calumniarão; insultarão; maltratarão; espancarão, e por sua infernal malignidade crucificarão áquele que innocentemente derramava as maiores graças, os maiores beneficios sobre milhares de individuos! (Falo de Jezus chrirto,) a que por um sentimento de gratidão, respeito e adoração veneramos e acatamos; e festejamos com a maior pompa!

E se assim é; se seríamos destruidos pelo poder de seu pai, ou seu proprio, se de modo contrario procedessemos, como o forão milhares de entes; pergunto: de que modo devemos tratar a

seus verdadeiros discipulos!? aqueles que como ele são verdadeiros fieis ou apostolos!? Aqueles que o imitam na mansidão; na brandura; na bondade; na generosidade!?

Devemos apedrejal-os; ou amparal-os, protejel-os respeital-os e acatal-os!?

No, primeiro caso continuariamos a ver como temos visto ha dois para tres annos, mortes, roubos, violencias, atrocidades, crimes de todas as especies; guerras, pestes, destruições de todos os generos, de todos os modos.l

No segundo, o que temos observádo.l? O progresso incessante do Genero humano.l o melhoramento nas artes e nas sciencias, e em todos os ramos de industria, e dest'arte a felicidade de cada hum, que reunida á de todos, faz a felicidade geral.l a grandeza e poder dos Estados.l e por assim dizer, o endeuzamento do Universo.l Fora de Deos, somos miseraveis brutos.l

Em Deos, seus filhos, entes prediletos e felizes.l

Gonsala: Nunca o vi Sr. Dr. Robespier tão rethorico, tão sabio, tão sublime, tão logico sobre a religião christã.l estou realmente espantada.l

Jesuina: deveras? pois nunca o ouviu discorrer? ele sempre foi assim—sabio profundo, talento raro.l capacidade sem igual.l

Robespier: Sras. assaz me aproveitão vossos elogios.l eu os prezo muito, e guardo-os como mimo do mais subido valor.l

Sim.l os meus sentimentos religiosos ferão herdados de meu pai principalmente.l Não me fiz, mas Deos e as circunstancias da minha vida, isto é—as minhas necessidades para bem viver/as minhas nobres ambições de a tudo profundar, saber, e por tal modo alcançar tudo quanto pôde fazer as delicias ou felicidade da vida prezente, e com esta como especie de tranzito, caminho ou estrada as da vida eterna.l

Bem poucas vezes somos senhores de nós mesmos.l

Milhares queremos, e não podemos; milhares desejamos, e não alcançamos.l milhares fugimos e não escapamos.l milhares nos esquivamos e á força prestamos.l

E' por tanto a vida de assaz homens, especie de mysterios que nem eles nem os outros de sua especie pôdem comprehender, decifrar, ou resolver; mas unicamente a Providencia Divina que creio vela tanto sobre nós, como o fazemos a respeito de nossos filhos ou... não direi mais porque não acharia mais acertada, nem mais bela comparação.

Simplicio: Eu porem já penso de modo contrario: entendo que somos iguaes a quanto cavalo e boi ha! porque realmente quando se morre vai-se ser comido pela terra ou pelos bixos que de nossas proprias carnes se formão.l e é isto o mesmo o que acontece aos outros animaes.

Robespier: Está enganado e mitou enganado, Sr. Simplicio. pois eu tenho visto a imagem de numerosos entes que tem morrido, tão perfeitos tal qual eles existirão e ate com suas proprias roupas ou vestes; com huma unica diferenca porem, que suas carnes são iguaes a mais fina e macia seda.

Não posso por tanto deixar de crer na immortalidade da alma e na resurreicão de nossos corpos.

Simplicio: Pode ser que assim seja, mas eu não acredito.

Robespier: Nem eu o quero forçar a acreditar nestas verdades, que para mim são infalíveis nesta vida; e mesmo direi — milagres.

Entretanto, seria para mim grande prazer vel-o convencido e persuadido d'elas. seria huma conversão sem duvida agradável a Deos, e a todo o fiel christão.

Simplicio: O Sr. parece que está perdendo tempo, tamanho homem e não enxerga que todo este mundo é todo material; que provem da materia, e que se hade converter em materia.

Robespier: Tudo isso poderá ser; não direi que é impossivel, porque nunca morri verdadeiramente. mas é verdade que já estive morto por hum quarto de hora seguramente, em cujo tempo nada senti; nem sabia que existia; nem no Ceu nem na Terra. Se assim os corpos são ditos mortos, é claro que nós não somos em tal estado mais que nada.

Então direi: não temos alma, senão quando vivemos.

Zeferino: Eu penso ora de hum modo, ora de outro: ha occasião em que penso ser hum ente divino; isto é — estou em huma tal correspondencia com Santos; Santas, & — que não posso negar a existencia desse espirito a que chamamos alma. outras vezes porem, sinto-me tão material; que pareço ou penso não passarmos de simples vidro de algum espirito, desaparecido o qual, por que se esgota evaporando-se, extinguindo-se ou subindo á athmosfera; torna-se pura materia; e quando se quebra, pura inutilidade ou pó, terra, cinza — e nada; como se costuma a dizer.

E' por isso que sou de opinião que cada qual deve ter a liberdade de viver do modo que mais gozar; ou que mais conveniente julga ser.

Do que serviria forçarmos hum ente de nossa especie a viver de certo modo, ou a praticar certos actos, que nós os consideramos óptimos. embora a nós eles nos tornem felizes; se esses entes, praticando-os, — se considerão desgraçados. E' bom; e devemos fazer com que os gozem para selhes aprouver; continuar, como nós, a gozál-os, mas já mais os devemos forçar a tal, se elles não os apreciarem, como nós, ou por qualquer cauza os não poderem praticar!

Eu nisto penso existir ou constar a verdadeira Liberdade.

Foi a doutrina que aprendi de meus Pais — verdadeiros typos, ou emblemas — de liberdade, fraternidade, e humanidade.

Robespier: E' justamente essa a opinião minha a respeito. Já dice, e repito — Que creio tanto na existencia de Deos, que nos creou; nos vê, nos ouve, e até que satisfaz nossos desejos; como creio que não pode existir qualquer familia animal — sem pai; vegetal, sem semente. arbórea, sem muda, ou aste de que brôta e produz.

Penso também que todo o homem deve ter a mais extensa liberdade para gozar, do modo que mais lhe agradar — conhecendo, e mesmo fazendo-se o experimentar todos, como também que seus gozos não tragão desgraças a alguém, que tem direito como os outros entes a gozar — e não sofrer. tudo quanto é fóra destes principios, é para mim — barbaro; deshumano; e cruel.

Sou também de vossa escola, Zeferino.

Fui educado nos principios, da mais sã liberdade. — amo a fraternidade, le almejo — humanidade.

O que porem é necessario para não errarmos, é saber-mos fazer a discreta distincção entre o que é agradável aos outros entes de nossa especie, e que também é a nós, sem que alguém sofra, o que é a eles desagradavel, por se lhes trãs sofrimentos.

Feita esta distincção, nada mais facil para sermos verdadeiramente felizes, agradando ao nosso Creador, e aos entes de nossa especie, o que procede de modo que nos convenha, e a eles; e esquivarmos-nos de praticarmos actos, que embora nos convenham, a eles prejudiquem e ofendam. Foi sempre esta a opinião que hei feito graçar o Mundo christão, e que considero útil a todos.

E se ainda fosse necessario para provar a existencia de hum ente superior ao homem que tudo move, ou a quem não ha quem possa deixar de obedecer, eu diria: Que ha huma voz que ha longo tempo fala a todos os actos de minha vida! ou que eu não pratico acto algum, senão conforme a vontade dessa voz, e não conforme a minha.

— em razão de sua Fôrça e poder — tão superior ao do homem, como este o é de huma formiga.

Penso porem ser desnecessario, e por isso calome, ou nada digo.

(Deve ir descendo o panno muito devagarzinho, e assim terminar o 3.º acto desta Comédia ou Tragédia....)

Quadro 1.º

Robespier: (Deitado) Que havia eu de estar pensando agora: erão tantas couzas que não me poderei lembrar de todas! lembrava-me de minha antiga familia... de, ora vejão só o que é este

Mundo.1 desço das estrelas á Terra; subo das mulheres ao Céu; desço delas aos homens; beijo as crianças as vezes; namoro-me de tanta gente... de huns, por suas encantadôras maneiras; de outros por sua beleza; de muitos, por sua formosura; de quazi todos pela sua rudeza.1 e assim vivo qual Natureza.1

(Espreguiça-se, espixa huma perna; encolhe outra, levanta hum braço; coça a cabeça.) Não ha couza que entristeça a esta sabia cabeça.1. fêl-a Deos rica.1 deu-lhe infinita, inesgotavel sciencia; e alem desta — notavel paciencia.1

E' assim, cada qual é occupado naquilo para que Deos o destina; huns para os officios; para a enxó; a trôlha; o machado; outros, para a pen-na; a palavra, e mesmo a espada.1 Alguns, para quaes pássaros, andarem sempre pelo ar, e a pouzar de ramo, em ramo, ou de árvore em árvore; outros para trabalhos em suas proprias cazas ou habitações.1

Mas tinha eu em lembrança que era huma bellissima comparação, que fiz, ou hum interessante pensamento que concebi; ou huma notavel verdade, que descobri, — sobre sementes, arvores; produções naturaes, e intellectuaes, de que agora não tenho a precisa recordação para narrar.

Poderia sim servir esta: Do mesmo modo que conserva Deos o mundo produzindo sempre novas couzas; a entes diferentes em seu rôsto, em seu corpo; em seu modo de pensar, e de proceder; e isto tem feito por espaço de quatro ou cinco mil annos; — do mesmo modo e com quanta facilidade! (e que insignificancia, comparativamente com o facto que acabo de ponderar?) pôde o mesmo Deos inspirar sempre e por muitos annos, novos pensamentos; novas obras; numerosos melhoramentos sobre tudo que existe útil, necessario; conveniente; e mesmo simplesmente agradável ao homem!

Quantos signaes de sua existencia vejo em todos os dias.1 Não ha huma só noite, em que deitando-me, logo depois não appareça a os pés desta cama; a imagem ou figura de hum morto...

Ora velho, ora môço; ora criança; ora feio; ora bonito, ora comtrages ou habitos proprios de Padre; ora de outras classes; como advertindo-me de que existe; de que dá vida; e de que mata quando quer.1

E não são só estes exemplos; os factos são tantos; repetem-se tantas vezes; de tantas formas; e especies... que duvidar é a si proprio matar.1

Ainda eu não fiz o que fez certo escriptor francez, que escreveu duzentos livros.1

Mas o tenho feito talvez em milhões de mulheres; e tãobem de homens.1 couza que julgo que ele tãobem não faria. Pois assim reparte o Senhor de todas as couzas — sciencias varias por todos os entes a estas dedicados.

Estava com outro pensamento; lembrança; com-

paração; e não sei que mais nesta imaginação (bate na cabeça; e salta da cama em ceroulas); emfia hum ponche que lhe serve de cobertura; e diz):

Pretendo lembrar-me; depois vestirei-me.

Ah.1 queria lembrar-me; e estou sempre a esquecer-me.1...

Sim: — que aquelles que em caza escrevem, falão; procedem; e de qualquer modo vivem — sustentaculos da religião — necessidade não tem de ir a o Templo fazer oração.

Outra couza mais tenho notado; — e é que aqueles que assim vivem; e para tal fim a ella vão, de la sahem; — ordinariamente — adoentados.1

Ainda havia eu concebido hum pensamento; o que havia de ser; o que sem ter na cabeça... não: sem ser chafariz... e gotejar pelo nariz... tãobem não; sem se fazer de si — todo inextotavel, forte; de sua cabeça sempre cheia — caixa; de seus labios — forte bica onde tem e por onde lança a mais christalina limpha todas as vezes que quer em palavras, orações, propozições, e discursos.1 ou sem ser hum rio, cuja corrente, cujas ondas refrescam a os seus semelhantes; e quiza mesmo a os outros entes animados — se mete a escrever; e a tudo querer ser.1 — vai mal.1 não vai bem.1

Para tal é — preciso ser hum ente sem igual.1

Para sahir-se bem; é preciso só fazer o que mais convem.1

(Durante estes discursos, arruma a cama, pendura a roupa; arranja o quarto; abre huma janela; e assim até banhar-se e vestir-se.

Batem á porta do quarto.)

Robespier: Quem bate? quem está ahí? o que quer?

Espère.1 Bem sabe que a ninguem abro portas, antes de me preparar, como se houvesse de receber em minha caza a primeira notabilidade do Mundo.1 bem como que, preparado, tenho-as sempre abertas, ainda mesmo para algumas — talvez bem pouco dignas de transpôl-as.1

(Abre a porta) Pode entrar quem está: não apparece pessoa alguma.)

O'ra de que me havia eu de lembrar.1 de que os que comem pouco, por sua natureza ou constituição ou porque assim melhor se dão — praticão mais que os outros, certos actos; os que comem muito, praticão outros em muito maior quantidade que aqueles; e assim nem huns, nem outros, podem-se com razão fazer reciprocas sensuras.

Tive duas, ou mais vizões esta noite que não achei muito agradaveis: huma delas foi huma menina, a quem ha dias vi; a outra, foi não me lembro o que, não referirei portanto; sim — pareceu-me que hum ente se dilacerava, — distendendo-se....

Sim, lembrei-me tãobem de que não quiz em certa epocha assassinar hum ladrão autorizado

por hum juiz assassino: mas perguntei-lhe, e elle dice: que o não faria, por que o deviam fazer outros para examinar e reconhecer se o seu sangue éra igual a o meu; ou de alguma féra; visto que éramos descendentes de huma só familia; e ele tentava contra a minha existencia moral.

Querem alguns que os bonitos andem qual cabritos, entretanto muita gente bonita, ha que se entretem ou occupa com escripta.

Os que gostão do estudo, estudem: os que gostam do passeio; passeem: os que gostão de dormir, durmão. os que gostão de comer; — comão; os que gostão de mulheres — gozem-as. os que gostão de estar em caza; estejam. os que preferem andar na rua; — andem. &c.

E assim passarão todos a mais regalada vida. A quantos tem Deos condemnado á morte, — pelas suas más obras! a quantos tem dado a vida — por seus bons feitos.

Assim, uns perecem; outros assim crecem. Recorremos algumas vezes a Deos; em outras ao póvo, para nos livrarmos das garras das feras: em hum e outro recurso sempre... ou quasi sempre — somos attendidos.

Ah! de que me havia eu lembrar mais hoje: de que heide vêr se posso comprar hum livro em que estude Astronomia, com cujo estudo, completo ode Geografia.

Forão lembranças da noite, e vão sendo também do dia.

Ah! esquecia-me narrar hum facto... o que havia de ser?

Que me quiz certa menina entreter, e que me puz nela a lêr — certo amigo....

E' notavel que as massas sejam couzas mais nogentas que as carnes, e é sem duvida por isso que certo medico considerava estas, como mais saudaveis.... os doces muitas vezes parecem puros venenos. os mingaus, parecem mais entes mortos, que comidas. emfim parece huma necessidade indeclinavel a companhia de outras pessoas para comer-se melhor, sem que as comidas nos incomodem, ou não prejudiquem. ou então, seremos obrigados a nós mesmos as prepararmos.

Ainda os muitos venenos — me não põe menos.

(Muito zangado) Valha-nos Deos, com estes judeos.

(Batem á porta).

Robespier: Quem é?

Huma mulher: O Sr. Dr. está em caza?

Robespier: O que quer?

A mesma: Venho chamal-o para ver hum doente.

Robespier: Onde?

A mulher: Em caza do Sr. Furtado, rua da Ponte, n.º 11.

Robespier: Por lá irei.

(Bate outra pessoa á porta).

Robespier: Quem mais baterá; e o que querará cá?

Outra mulher: Dezejo falar-lhe.

Robespier: Entre, sente-se, e diga o que quer.

Ela: Venho queixar-me a V. S., porque sei que é advogado, de hum furto que me fizeram hontem em caza.

Robespier: Pois diga o que quer.

Ela: Quero queixar-me á Autoridade competente, que hum soldado de policia foi á minha caza, e roubou-me huma filha.

Robespier: Isso é escuzado. porque, se o soldado roubou-lhe a filha, o chefe; o capitão ou algum outro superior a ele, roubar-lhe-ha o filho, qe sem duvida lhe fará mais falta; e tãobem a ti propria, se o diabo lhe rebelar os miolos.

Ela: Então é escuzado queixar-me!

Robespier: Escuzado. perigôzo. perigôzissimo. o menos qe talvez lhe faça, é metel-a na cadeia. principalmente se tiveres alguma outra no cazo de ser por algum deles desflorada.

Ela (levantando-se muito incomodada e endireitando a mantilha): Só falta levantarem-se fogueiras, para se instalar hum novo tribunal do santo-officio, e queimarem-se todos — todos aqueles qe não se escravizassem a seus desejos qe bons, quer maus!...

Pois Sr., eu me retiro; mas juro a fé de hum Deos! — que heide deitar por terra todos os que assim procederem! (sabe)

(Batem de novo á porta).

Robespier: Quem bate? já é a 3.ª vez que batem.

Huma velha muito velha: Venho lhe pedir huma esmola. — sim; huma esmola pelo amor de Deos, pelas cinco chagas de christo, pelas almas dos seus parentes mais chegados, e por tudo quanto é sagrado.

Robespier: Mas diga o que quer. eu não a entendo, nem couza alguma posso fazer antes de a entender.

Ela: Ora Sr. Dr. eu tenho huma dôr neste meu coração. ... tão grande aflicção em minha alma! que por mais que esfregasse o cheirozo coentro — nada me pôde aliviar. e assim vivo sempre a penar.

Dr. (Rindo-se): Já sei, já sei — quer que eu a cure.

Velha: Não, não é isso o qe eu quero. não é para essa enfermidade, para esse mal, que o venho procurar. e mesmo porque estudei medicina, e sou médica. Mas para as cauzas ou orijens desses males.

Dr. (com alguma impaciencia): Pois então diga o que quer. e se se-demorar, se não falar, a farei mulher.

Ela: Venho pedir-lhe para logo que saia á rua, como sei que é... chegado á santidade!

que se corresponde com o Santo-padre, e talvez com muitos outros santos—para chegar á minha caza, e benzer a minha filha mais velha, de nome Chapedau, que se acha atacada de febre amarela, typhoide, e não sei que mais.l

O Dr. : E'ssa é boa! se a Sr.^a me pedisse receita, e alguns remedios, estavamos bem, mas remedios..... é couza a que eu não estou acostumado l

Não descreio que possam ser úteis; mas não costumo curar a alguém desse modo, mesmo por que estudei outro systema em huma das Academias de Santa-Cruz.

Ella : Então o Sr. é Santa-Cruz ! ?

O Dr. : Não, a Sr.^a não me entendeu : No Imperio de Santa-Cruz!

Ella : Seja como fôr; eu o que quero — é a minha filha salva; e o Sr. podosalva-a; mais com a santidade do seu espirito, que com os seus remedios de botica, que ha muito ela não toma, porque não póde l

Robespier : Bem, Sr.^a; lá irei; e não me descuidarei de tudo fazer — para o mal combater—de sua filha!

A velha (com numerosos cumprimentos): Sim, Sr. Sim Sr., muito obrigada! lá o vou esperar! passe muito bem! muito bem, Sr. Dr! (dando pre com a cabeça para diante e para traz, — vai sahindo.)

O doutor (cuspindo): Com effeito! até do meu tomago sahem pensamentos !

Mas que mulheres esquizitas! formáram-me hoje em trez sciencias! de modo que, quer eu quizesse, quer não, teria de ser Doutor !

A primeira formou-me em medicina !

A Segunda, em direito e a terceira sobre as couzas Divinas !

Outras me hão feito, ou me fizéram poeta! astrologo! philozofo! rhetorico! e não sei que mais !

Em fim, emfim, quasi se pode dizer—que e-lasão sciencias; e os homens Academias! (sahe depois delas alguns minutos.)

Quadro 2.º

Hum velho (o mesmo Robespier com tal figura, entrando; com hum hombro algum tanto encolhido): Ai! pareço hum velho, de quasi cem annos! dóe-me tanto este hombro; sinto tanta dôr nesta perna !...

E' preciso deixar esta vida insana de milhares de paixões arrastado !

Que seja outro condenado a arrastar duros grilhões, cujos élos sejam almas, e corações!

Já estou velho; já não posso, confortar a qual-quer ôsso !

Já estou doente, já não posso, nem mover o meu pescoço !

Vamos entretanto continuar a de escriptor, até

acabar — este quadro ou esquadro da minha celebre comedia! (Pega na penna, e abre hum livro).

Huil que diabo tem a barriga? será figa, ou fêrida ! ?

Sinto-a toda a mexer, e dentro a se revolver... que diabol estou assustado! querem ver que é filho! mas eu não comi milho! apenas provei feijão!... como diabo... ai! só se foi do leitão.l

(Largando a penna, depois de ter escripto algumas linhas, gritando, e correndo pela sala toda): Estou pobre.l estou pobre.l quem me cobre.l? quem me acode.l Aqui do Rei.l já não sou Bey !

Ai.l ai.l estou doente: sou padecente.l (cahe como desmaiado; ronca).

(Entrão diversos):

Hum : Que desgraça succederia a o nosso Lente.l?

Outro : Qual desgraça.l tu não o conheces.l isto é — chalassa.l

O 1.º : Qual chalaça? o homem está morto.l

O 2.º : Pois eu te afirmo que é caxaca.l

O 1.º : E's muito tôlo, ou muito mau.l

O 2.º : Qual tôlo, seu cara de pau ?

(Entra huma mulher).

Esta : Que é isto, Sres.l? matarão a este pobre homem ? l

O 1.º : Qual matamos.l — queremos ver se o salvamos.l

A mulher: Não está mau o modo de salvar.l derão-lhe com algum pau até o matar.l

O 2.º : A Sr.^a é bem nêcia.l pertence-lhe este cadaver?!

Ela : E o Sr. que tem com isso? pertence sim.l é meu, porque o quiz emquanto viveu.l

O 1.º : Ah.l isso então é outro cazo.l a Sr.^a quando os não pode atrahir vivos, conquista-os depois de mortos.l

(Entra outra de menor idade, ainda menina; para ela): Titia... vóvó.l... (puxa-lhe os vestidos com alguma anciedade) Titia.l vóvó.l olha.l

A mulher (voltando-se para esta): Estás hoje muito incomodativa, muito inoportuna.l o que é que tu queres.l?

A menina: Venho lhe chamar para ver huma couza muito bonita.l (batendo hum punho na outra mão) muito bonitinha, Mãmãzinha.l

A mulher (rindo-se): Sou Avó, sou tia, e também sou Mãmãzinha.l está bom.l

Corre lá dentro, vá buscar hum vidro de espirito de lima, para dar a cheirar a este homem que cahiu aqui com huma síncope.l

A menina (olha espantada e diz): Coitado.l (Sahe correndo, voltando logo depois com hum vidro na mão).

(Para a mulher): Aqui está, Mãmã.l cheira que dá gosto.l

A mulher: Os cheiros, minha filha; não dão

gosto, mas agridão, ou dão prazer, pelo olfacto. (destampa-o e chega-o ás ventas do velho) Quem diria que o Sr. Ricardo havia de estar á esta hora quasi morto.!

(Ele vai cheirando, gostando, despertando, se levantando.

Depois de estar em pé, e com huma mão nas cadeiras). Ai! que dôr d'ilhargas eu sinto aqui. (manqueijando) Acho-me tão doente.!

A mulher: Ainda querára escrever mais!? Ainda não se satisfaria de tantas comédias, romances, e tragedias.!

A menina: Titia. titia. ele ainda quer poesia. Acha que é pouco chamarem-o de maluco — por tanto haver ensinado, ora lendo, ora falando, ora escriptando.!

(Riem-se todos).

Os individuos: Olhem a minina como é intelligente. como é sabida. instruida. que dom natural. que rara natureza. que agradável singeleza. que beleza. as mais tocantes, que sempre observei em huma menina desta idade.!

(Entra derrepente hum filho do visconde, que ha longos annos estava ausente: e ao ver o visconde atira-se nos braços dele).

Filho: Meu querido Pai. (chorando) quantos annos de ausencia nos não separados. quantos males me não flagelados. por quantos desgostos hei passado. quantos martyrios. quantas tyrantias dolorozas em minha vida. quantas saudades não raladce quasi destruido este já quasi velho coração. esta alma que constantemente ardia no mais intenso e vivo fogo da cruel saudade por vós, e pelas pessoas que nos são mais caras.!

Visconde (quasi tonto): Sim; (querendo abraçal-o e sem encontral-o, depois que o filho se lhe desprende dos braços) sois vós o meu... ah. eu queria ver-vos mas não posso... meu filho! (Cahe morto).

(Todos correm para acudil-o, trazem remedios, expressão a maior dôr, o filho reconhece que ele já não vive, profere as seguintes palavras):

Filho: (soluçando, e com o lenço nos olhos) — Quanto é cruel. quanto tem sido cruel o destino para commigo. Em milhares de combates hei visto passar diante de mim qual Anjo de fogo para devorar-me — a cruel morte.!

Como Politico, outras tantas vezes a ela tenho escapado, como milagrosamente os grandes santos ás perseguições, e crueldades dos judeos. e do Tiranos.!

Mas não bastavão a infinidade de desgraças, que me tem secado as carnes. e consumido o espirito. Era necessario terminar também os meus estudos na carreira da vida — prezenciando a mais dolorosa scena. (apontando para o Pai).

Oxalá, ó entes que me ouvis — humanos edivinos. que jamais quando julgardes encontrar hum momento de prazer e de repoz, encontreis como eu, motivos que vos apunhalem de terror. e de desgostos.!

(Todos os circumstantes expressam a mais viva dôr, ouvindo as lamentações do filho do visconde, a quem podemos chamar Estanislau, formado, deputado, e official da guarda Nacional em campanha.

Deve ir descendo pouco a pouco o panno depois de proferidas as últimas palavras do Filho do Visconde.

E assim termina: A ap. Robespier olhando para a mulher que se acha na sala grita.!

Eis a lanterna de fogo, que em testamento legou-me meu Pai, e que eu ha mais de tr. annos procuro.!

A viva luz de teus olhos me exprimem. e os raios de teu semblante não me enganam. o reflexo de teu todo me convence! (Comforça) E' ella. é ella. (atira-se em seus braços, e assim termina a comedia.

Depois que se atira, passados, dois ou trez minutos vai descendo o panno mui devagarinho.

Fim do Quadro e da Comedia.

Porto Alegre, Junho 17 de 1866.

Por — Jozé Joaquim de Campos Leão
Corpo-santo —

